

E COBRA NA CABEÇA

ESTELA LANDIM
Da Editoria de Política

Há candidato que não consegue enfrentar a multidão num comício ou seenrola todo frente às câmaras de TV. Com Hélio Doyle, jornalista, candidato a deputado federal pelo PDT, isto não acontece. Mas quando, para fazer campanha, é preciso pedir voto nas ruas, fica difícil se livrar da timidez. "Oi, tudo bem. Eu sou candidato a deputado e gostaria que você desse uma olhada nesse jornal. Se gostar, espero contar com você". É assim que Hélio Doyle pede voto, escondendo a timidez atrás de um sorriso.

No último sábado, pela manhã, o candidato caminhou pelas entrequadradas 105/106 Norte, fazendo a sua campanha no que se convencionou chamar de "corpo-acorpo". Os cabos eleitorais vão na frente distribuindo o "Ligado em Brasília", jornal de campanha que circula desde junho e vem se tornando conhecido na cidade. Atrás, o candidato, conversando com as pessoas que, comumente, fazem comentários do tipo "você é mais bonito pessoalmente que na fotografia".

Logo no começo da quadra, numa banquinha de sapateiro, duas mulheres se mostram interessadas no jornal e esticam a conversa. Rita dos Santos, carioca que vive em Brasília há vários anos, vê a manchete do jornal sobre o problema salarial dos servidores públicos e pede a Hélio que, se for eleito, volte a sua atenção para os aposentados. Segundo ela, os servidores aposentados saíram perdendo ainda mais com a Nova República.

"Para se resolver problemas como esse é preciso votar na oposição", responde o candidato, mas não aproveita para pedir voto. Rita faz mais alguns comentários e diz que gostou de Hélio Doyle, mas depois, quando ele já ia andando, confessa que talvez vote nulo.

COBRA NA CABEÇA

O corpo-a-corpo continua. No cabeleireiro, lotado de mulheres, Hélio Doyle é bem recebido e a conversa é mais animada. No bar, ao lado de outros candidatos, o proprietário cola o seu cartaz, mas se preocupa em não ser identificado porque ali também funciona uma banca de "bicho". Para não atrapalhar as pessoas que estão fazendo a sua "fezinha", Hélio conversa rapidamente. Mas um dos seus cabos eleitorais aproveita para tentar a sorte no 1234, número do candidato. E cobra, na cabeça.



Hélio Doyle

Numa boutique, a vendedora quer também vender o seu voto. Não por dinheiro, mas em troca de sua transferência da Faculdade de Rio Verde para o Ceub. Ela argumenta que muitas amigas conseguiram isto através de políticos, e que se Hélio lhe ajudasse teria o seu voto. Foi o momento em que o candidato mais usou argumentos para convencer uma pessoa não em votar nele, mas sim de que os pequenos favores não podem ser trocados pelo voto. A vendedora não gostou, e mesmo reconhecendo que candidato precisa ter propostas não mudou a decisão de barganhar o seu voto.

O fato de ter 35 anos é ponto positivo na campanha de Hélio Doyle, principalmente em relação às mulheres. Algumas gostam do visual e outras, como Elza de Abreu, proprietária de uma Loja, se preocupa em escolher candidatos jovens. "Vou votar pela primeira vez depois de velha e acho que deve ter gente jovem nesta Constituinte", diz ela. Elza faz questão de colar o cartaz na parede e Hélio sai com a certeza de ter ganho mais um voto. "Gostei desse moço", comenta, a senhora.

SURPRESAS

A indefinição dos eleitores em Brasília fica bastante evidente quando se acompanha um candidato pelas ruas. Não são poucos os eleitores que confessam não saber em quem votar ou demonstram um total desinteresse por esta eleição. Mas, ainda assim, as caminhadas em busca de voto às vezes resultam em surpresas agradáveis. No sábado,

por exemplo, Hélio Doyle foi chegando numa loja e a mulher foi logo gritando: "Pode entrar que aqui é a casa do PDT". Lourdes de Souza é brizolista entusiasmada e na sua loja de enfeites para festas, entre cartazes de Maurício Corrêa, Leonel Brizola, Darcy Ribeiro, o de Hélio Doyle ganhou o seu espaço. Além do voto, a mulher se ofereceu até para ser fiscal na eleição.

Numa floricultura, o candidato entrou sem saber que iria encontrar um velho amigo de universidade. Eles não se viam há muito tempo e Daniel, além de garantir o seu voto e da família, pediu sugestão para os candidatos ao Senado.

As 13h30 o trabalho nas quadras chegava ao fim e o candidato saiu correndo para um churrasco na Associação Brasileira dos Odontólogos. Ele não gosta muito de carne, mas afinal de contas não dá para recusar um convite dos amigos que lhe apóiam.

Do almoço, onde continuou fazendo campanha, Hélio foi participar de mais uma reunião no seu comitê para avaliação e organização da reta final da campanha. Depois de duas horas de reunião um outro compromisso já lhe esperava. Desta vez em Taguatinga, onde um cabo eleitoral organizou uma festa com os moradores da quadra para Hélio e Maurício Corrêa, candidato do PDT ao Senado.

As 17h o dia ainda está claro por causa do horário de verão e o candidato sai correndo de Taguatinga para a Ceilândia, onde uma reunião estava marcada com os moradores da QNP-15. Com cerca de 20 pessoas, ele sentou e conversou sobre as suas propostas. As pessoas não perguntavam muito, mas se mostravam interessadas em conhecê-lo. Pediram o material de propaganda, sem esquecer, é claro, da camiseta.

Ainda com o gosto do churrasco na boca, Hélio teve que aceitar um prato de galinhada e mais cerveja. Antes de ir embora, outro cafezinho. Num outra rua, onde ele foi conversar com um cabo eleitoral mais cerveja e, desta vez, biscoitinhos. As 21h30m, não agüentando mais comida, o candidato volta ao Plano Piloto para enfrentar uma festa organizada por um amigo destinada a arrecadar fundos para a campanha, sabendo que no dia seguinte teria que acordar às sete e começar tudo de novo.